



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

O advento dos processos eletrônico/digitais e suas relações com a produção cultural¹

Lilian Cristina Monteiro França
Dra. em Comunicação e Semiótica
Professora da Universidade Federal de Sergipe

Resumo

Este *paper* pretende discutir algumas questões ligadas ao advento dos processos eletrônico/digitais e suas relações com a produção cultural. Parte do princípio de que os novos meios alteram significativamente os modos de produção cultural, instaurando diferentes práticas, ao mesmo tempo que buscam no universo de culturas populares e de formas culturais tradicionais o subsídio para sua construção. Dessa forma, universos diferentes mesclam-se numa coexistência de tempos e modos de vida, marcados por uma produção cultural que alterna aspectos mundializantes e regionais.

Palavras chave: Internet – Linguagem - Comunicação

¹ Trabalho apresentado no NP08 – Núcleo de Pesquisa Tecnologias da Informação e da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

O ADVENTO DOS PROCESSOS ELETRÔNICO/DIGITAIS E SUAS RELAÇÕES COM A PRODUÇÃO CULTURAL

**Lilian Cristina Monteiro França
Dra. em Comunicação e Semiótica
Professora da Universidade Federal de Sergipe**

O advento dos processos eletrônico/digitais e suas relações com a produção de conhecimento, incluindo-se aí o conhecimento científico, o tecnológico, o artístico e o cultural, traz, entre outras, uma implicação da ordem da incorporação de novas linguagens. Tal fato ganha relevância quando se toma a afirmação de Paul Valéry, de décadas atrás, quando já antevia uma situação que atualmente nos é cada vez mais familiar: “Do mesmo modo como a água, o gás e a eletricidade chegam até as nossas casas, vindos de longe, para satisfazer as nossas necessidades de seguir o princípio do mínimo esforço, assim também seremos supridos de imagens visuais ou atividades que vão aparecer e desaparecer a um simples movimento da mão”. A esse movimento não se pensaria em associar um passe de mágicas, pois nos vem a mente, quase que imediatamente, a imagem de um mouse sendo clicado. Nas palavras de Valéry encontramos a importância do conceito de rede, reduzida ou melhor, simplificada, através de seu emprego constante como sinônimo de internet.

Quando se fala (ou se escreve): “está na rede”, “vou buscar na rede”, “encontrei na net”, etc., “esquecemos” que existem outras redes de comunicação. O processo de interação via rede assume um caráter diferencial em suas duas modalidades comunicacionais: a assíncrona (como, por exemplo, no caso das listas de discussão) e a síncrona (teleconferências e chats).

A especificidade da linguagem empregada em ambos os casos, vai além do estabelecimento de novos léxicos icônico/verbais, criando uma estrutura não-linear, significativamente diferente dos modos tradicionais de comunicação.



O "exercício" de navegação através dos diferentes ambientes comunicacionais existentes na rede, permite questionar alguns pontos críticos: a formação das chamadas "comunidades virtuais"; o delineamento de uma "personalidade cibernética"; a modificação das formas de socialização; a geração de novas necessidades capazes de fomentar uma indústria cultural com características peculiares, implementando um mercado de bens de consumo e, em igual medida, de bens simbólicos.

Deve-se, ainda, ressaltar o interesse que tal meio de comunicação vem despertando, arregimentando, inclusive, em detrimento de outros meios, por assim dizer, essenciais, altas somas de dinheiro aplicado e uma parcela considerável dos recursos destinados à pesquisa.

Tal fato se deve, em parte, às mudanças na organização do trabalho, a tendência a produção segmentada, ao estabelecimento de um paradigma flexível, ou melhor dizendo, às modificações ocorridas no processo de produção em série, tipicamente fordista, onde um único produto deveria atender a grandes contingentes e, ainda, ao ingresso num momento em que a produção vai diferenciar-se, procurando oferecer bens de consumo e bens simbólicos específicos para as diferentes necessidades individuais. Essa forma de ação molecular vem promovendo um retorno ao campo das culturas populares, que tem servido para, ao menos aparentemente, manter um certo equilíbrio entre a globalização da economia, a cultura mundializada e as características regionais. Nesse sentido caber citar Adriano Duarte Rodrigues, quando esclarece que: "As consequências da globalização não se repercutem, por conseguinte, apenas no domínio da economia. Afectam igualmente os domínios da experiência cultural e da experiência política. (...) A globalização tem ainda uma consequência cultural notável, a de alargar e de amplificar indefinidamente o quadro da experiência e do sentido das actividades e dos particularismos culturais. O sentido da experiência decorre do quadro que delimita as suas formas. Um mesmo gesto, uma mesma palavra, uma mesma imagem, um mesmo acontecimento adquirem sentidos diferentes consoante o contexto da recepção. O actual alargamento exponencial do contexto da experiência abre um horizonte praticamente ilimitado de sentidos, acabando assim uma mesma manifestação cultural por adquirir tantos sentidos quantos os quadros de referência em que é



situada. É esta diversidade de sentidos que atribuímos aos fenômenos que faz com que, apesar de a indústria cultural repercutir praticamente no mundo inteiro as mesmas manifestações culturais, elas são vividas de maneira sensivelmente diferente em cada uma das comunidades humanas, em função da sua experiência própria do mundo. É por isso que é hoje cada vez mais evidente a distinção entre o domínio da informação e a esfera da comunicação. Apesar da informação ser cada vez mais globalizada, atingindo a totalidade do planeta, a esfera da comunicação é cada vez mais enraizada na experiência concreta de cada uma das comunidades humanas e das suas culturas, levando mesmo ao exacerbamento da diversidade da experiência” (2000).

Com certeza, tal fato não ocorre de modo a privilegiar o caráter popular, antes acaba por expoliá-lo das suas mais importantes características, passando por um tipo de limpeza e depuração que transformam as manifestações em acríicas e descontextualizadas, moldadas dentro do conceito de um produto de consumo fácil e descartável.

Articular elementos tradicionais à elementos típicos de uma era efervescente como a atual, não prescinde da constatação de que a noção de tempo encontra-se deslocada e mesclada pela coexistência simultânea de formas e modelos de vida.

Percebe-se, daí uma certa descontinuidade, remetendo ao distanciamento provocado entre forma e conteúdo (como exaltam os teóricos da comunicação), meio e mensagem (como denominou McLuhan), significado e significante (no linguajar dos lingüistas e semioticistas), retomando uma lógica aristotélica do pensar, dicotômica e excludente, que insiste em valer-se da partícula **ou** em detrimento do **e**. “Instaura-se, então, o aprisionamento da mente em duplos vínculos, oposicionalmente binários, que obrigam sempre à escolha entre o 1 e o 2, pai ou filho, alto ou baixo, erudito ou popular, etc., que são formas diversas em que a identidade ou não-identidade se manifestam. A escolha obrigatória de um dos pólos das citadas dicotomias gera o problema da falta e a necessidade de que esta seja suprida por uma produção imaginária. Cabe-nos, pelo menos, ainda que timidamente, perguntar como vigoram estas questões nas culturas em que os sistemas discretos de inclusão e exclusão não funcionam por completo (só atuam mais



fortemente nas superfícies informativo-narrativas), pois isso que se chama se *ser* no Ocidente (...) aqui se transforma num espaço de cruzamentos sincrônicos, dentro de uma paisagem de dimensões culturais extensíveis, cuja metáfora mais próxima seria a dos processos por choques de contigüidades internos/externos das organizações/desorganizações cósmicas ou quânticas (onde a noção cientificamente antiga de coesão interna se desagrega)” (PINHEIRO,1995:22). Em resumo, essas separações surgem de modo nada dialético, em virtude de oposições tradicionalmente excludentes estarem inextrincavelmente costuradas/descosturadas, interagindo, “inexistindo” independentemente.

É importante perceber as intensas transformações por que vem passando a produção do conhecimento, num embate de forças que rompe com as necessidades de reordenação, intrínsecas ao movimento dinâmico de tais culturas e a empurra (não sem resistência) no sentido de uma incorporação pelos meios de comunicação, alijando-as, parcialmente, de seu conteúdo, compondo um arremedo do que são, montando um espetáculo consumível, enquadrado na lógica mercantilista, onde o principal objetivo é promover o consumo.

Como já foi salientado, o Brasil conta com uma “poderosa máquina” de criação de significações e de repertórios simbólicos, uma indústria cultural aliada aos grupos detentores do monopólio das comunicações, especialmente no que diz respeito à mídia impressa, ao rádio e a televisão.

Fazendo contraponto ao determinismo que crê na destruição de certas culturas, Walter Benjamin está constantemente a nos lembrar: “o caráter destrutivo tem a consciência do indivíduo histórico cuja paixão principal é uma irresistível desconfiança do andamento das coisas, e a disposição com a qual ele, a qualquer momento, toma conhecimento de que tudo pode sair errado. (...) O caráter destrutivo não vê nada de duradouro. Mas, por isso mesmo, vê caminhos por toda a parte” (em BOLLE,1986:133). Esbarramos, então, nas brechas abertas apontando trilhas para reconstrução, evitando que se caia no abismo do fatalismo finalista proclamando “fins” com o intuito de colocar pontos finais onde existem muitas reticências.



As culturas estão em permanente estado de mutação e mobilidade e não estancam em redomas como pretende um certo tipo de pensamento “ingênuo”. Tentando fugir de alguns equívocos muito freqüentes na conceituação de cultura, como o de pensá-la encerrada e imóvel ou como algo que merece ser preservado, a despeito das transformações instantâneas e constantes que nos acometem, Aranha procura de forma bastante interessante buscar os “indícios do que venha a ser cultura”, tratando-a como um processo de significação, dotado de materialidade, engendrando articulações da cultura com o saber e com o poder, enfatizando seu caráter dinâmico e sua dimensão social de dominação simbólica: “não perceber a multiplicidade de articulações que tecem as várias camadas de cotidianos é esvaziar a complexidade que lhes é própria (...) Ficar repetindo uma história linear (...), tudo explicando a partir de modelos de desenvolvimento econômico e condicionados sistemas políticos, embora necessário, é insuficiente. Recriar, recontar a nossa história, acenando para os mais díspares, quer pequenos ou grandes, acontecimentos/enfrentamentos, é um trajeto que precisa ser percorrido. Ou melhor, continuar a ser percorrido, já que alguns autores vem lançando esse caminho”(1992:95-96) .

Nessa direção também encontramos Brandão, para quem a cultura compreende “as relações sociais onde se dá o exercício cotidiano de produzir e lidar com símbolos e significados, e lhe atribuir tanto o poder daquilo que representa quanto daquilo que é” (1985:87). Pode-se, então, inferir, mais uma vez, que a cultura, embora comumente situada no plano do simbólico, da superestrutura, de uma segunda realidade, de acordo com denominações de diferentes autores e abordagens teóricas, não pode prescindir de suas práticas materiais, tais como a produção artesanal ou industrial de artefatos e utensílios e a própria base econômica em que se realiza.

Ora, se “as práticas sociais são sempre sínteses de múltiplas determinações e sempre necessariamente, também simbólicas, isto é, dotadas de significado” (Durham, “A Dinâmica Cultural na Sociedade Moderna”), logo, serão estas práticas que vão forjar o universo cultural de um povo dentro de um determinado espaço-tempo.

Conforme Morin, responsável por derrubar/quebrar os argumentos que não levem em conta a dupla imbricação existente entre o biológico e o cultural, o universal e o regional, o



dentro e o fora, “a organização do espaço-tempo social molda-se no espaço-tempo cósmico”(1979:168). A hipercomplexidade obtida com a evolução e o desenvolvimento do neo-córtex cerebral, responsável pela evolução da linguagem, determina e é, ao mesmo tempo, determinada pelo âmbito cultural, numa via de mão dupla. Sua pesquisa intensifica às ações voltadas para criar um quadro mais complexo dos elementos presentes na evolução da espécie humana, servindo como um dos pontos de partida para pensar a cultura, como se vê no seguinte trecho: “a cultura reúne em si um duplo capital: por um lado, um capital técnico e cognitivo - de saberes e de conhecimentos - que pode ser transmitido, em princípio, a toda e qualquer sociedade e, por outro lado, um capital específico que constitui as características de sua identidade original e alimenta uma comunidade singular por referência a seus antepassados, seus mortos, suas tradições” (MORIN, 1978:170).

Os estudos de Iuri Lotman, a cerca da semiótica das culturas, vai de encontro à proposta aqui delineada. Para ele, “o estudo dos fenômenos culturais com a aplicação de recursos da Semiótica constitui uma das tarefas mais atuais e, ao mesmo tempo, mais complexas, em todo o conjunto de problemas contemporâneos”(em SCHNAIDERMAN, 1979:31). Sua afirmação data de 1967, o que nos indica caminhos seguidos no curso destas três décadas, promovendo a análise da cultura através de um referencial semiótico, que pensa em conjunção sistemas de sinais, signos, códigos e linguagens.

Lotman vai propor uma definição funcional de cultura, vista como: “o conjunto de informações não hereditárias, que as diversas coletividades da sociedade humana acumulam, transmitem e conservam” (em SCHNAIDERMAN, 1979:31), destacando o princípio segundo o qual cultura é informação, expressa através de conjuntos de signos, formada por tipos de codificação histórico-cultural, ligadas à auto-consciência social, à organização das coletividades e da auto-organização da personalidade (IDEM: *passim*,32-3).

Investigar os códigos de uma determinada cultura implica, necessariamente, em perceber que “nenhum código, por mais hierarquicamente complexo que tenha sido ele construído, pode



decifrar, de modo adequado, tudo o que foi realmente dado no nível da fala do texto cultural”(IDEM:35).

Portanto, trabalhar com a cultura implica na tentativa de estabelecer um entendimento/leitura, tendo sempre em mente a necessidade de convivências intra-multi-pluri culturais, evitando o equívoco de buscar no regional a constituição de um todo desarticulado do global.

As estruturas de produção cultural parecem estar em processo de transformação, considerando-se, por um lado, o caráter exploratório de sua apropriação/conformação pelos sistemas ideológicos ligados à indústria cultural, aos monopólios dos meios de comunicação e ao sistema capitalista e, por outro, à capacidade dessas culturas de se rearticularem, recomporem códigos e linguagens, e, também se apropriarem de novos elementos, mantendo seu dinamismo sem esvaziar conteúdos fundamentais.

As fronteiras que delineariam uma cultura digital diluem-se, estranhamente, em múltiplos universos, caminhando entre os mundos: da arte e da tecnologia, da metrópole e do campo, cibernético e bucólico, da ciência e do trabalho.

Num momento em que surgem novos meios: os sistemas hipertextuais, as multimídias, a imagem e o som de síntese, os mais variados modos de simulação e digitalização, as aventuras no ciberespaço e as criações em realidade virtual, percebe-se um interesse voltado para, através destas formas, buscar conteúdos inovadores para a produção, posto que o universo ficcional, artificial, o espaço dos internautas, as águas dos “surfistas de internet” saturam-se com o desgaste de uma linguagem abusivamente empregada.

Nos domínios do popular surgem procedimentos outros, situações diferentes, olhares distantes dos processos cotidianos/urbanos, tingindo com outras cores e tons as telas onde são exibidas. Talvez possa-se inferir que a crise de identidade que nos atravessa com o processo de mundialização da cultura nos esteja levando de volta a buscar as próprias raízes justamente no âmbito das muitas vezes marginalizadas culturas populares.



7- Bibliografia

- AZEVEDO, F. “Cultura Brasileira”, EUB, Brasília, 1963.
- BAKHTIN, M. “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, HUCITEC, SP, 1988.
- _____. “A Cultura Popular na Idade Média”, Hucitec/UNB, Brasília, 1987.
- BARTHES, R. “O rumor da língua”, Brasiliense, SP, 1988.
- _____. “Mitologias”, Difel, SP, 1987.
- _____. “A câmara clara”, edições 70, Lisboa, 1980.
- BENSE, M. “A pequena estética”, Perspectiva, SP, 1975.
- BENJAMIN, W. “Imagens do Pensamento”, em BOOLE, W. (Org.). *Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie*, Cultrix/USP, SP, 1986.
- BOOLE, W. (Org.). “Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie”, Cultrix/USP, SP, 1986.
- BOSI, E. “Cultura de Massa e Cultura Popular”, Vozes, Petrópolis, 1986.
- BOURDIEU, P. “Les Trois États du Capital Culturel”, em *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 30, nov/1979, pp. 3-6.
- _____. “Le Capital Social”, em *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 31, jan/1980, pp. 2-3.
- BRANDÃO, C.R. “A Educação como Cultura”, Brasiliense, SP, 1985.
- BRAUMANN, P. J. “Tecnologia, Inovação e Desenvolvimento Regional”, *Cadernos UFS - Comunicação*, no. 1, Editora da UFS, Aracaju, 1996.
- CANCLINI, N.G. “As Culturas Populares no Capitalismo”, Brasiliense, SP, 1983.
- _____. “A Socialização da Arte”, Cultrix, SP, 1984.
- CHARTIER, Roger. “História Cultural”, Bertrand Brasil, SP, 1990.
- COHN, G. “Comunicação e Indústria Cultural”, Cia. Editora Nacional, SP, 1977.
- DURHAM, E.R. “Cultura, Patrimônio e Preservação”, em ARANTES, A.A. *Produzindo o passado; estratégias de construção do patrimônio cultural*, Brasiliense, SP, 1984.
- FADUL, A.M. (Org.). “Novas Tecnologias da Comunicação”, Summus, SP, 1986.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- FRANÇA, L. C. M. “Caos-Espaço- Educação”, Annablume, SP, 1994.
- _____. “Da Geometria Fractal à geometria Euclidiana - Um Estudo Sobre a História da Arte”, em *Forma e Ciência*, EDUC, SP, 1995.
- _____. “Matemática e Arte - Aproximações Histórico-Epistemológicas”, Tese de Doutorado, Comunicação e Semiótica, PUCSP, 1996.
- _____. “A Sala de Aula na Era do Caos”, *Revista da APG*, vol. 2, EDUC, SP, 1992.
- _____. “Outro Números, Outras Imagens, Outros Mundos”, *Cadernos UFS - Comunicação*, Editora da UFS, Aracaju, 1995.
- _____. “Formando e Conformando”, *Revista Educar-se*, no.1, Secretaria do Estado da Educação, Aracaju, 1996.
- GIDDENS, A “As Consequências da Modernidade”, UNESP, SP, 1991.
- HABERMAS, J. “Mudança Estrutural da Esfera Pública”, *Tempo Universitário*, RJ, 1984.
- HOLANDA, S.B. “Raízes do Brasil”, Companhia das Letras, SP, 1994.
- JAKOBSON, R. “Linguística e Comunicação”, Cultrix, SP, 1977.
- LÉVY, P. “As Tecnologias da Inteligência”, Editora 34, RJ, 1993.
- LOJKINE, J. “A Revolução Informacional”, Cortez, SP, 1995.
- LOTMAN, I. “A Estrutura do Texto Artístico”, Estampa, Lisboa, 1978.
- MACHADO, A. “Máquina e Imaginário”, EDUSP, SP, 1993.
- MARONI, A. “A Estratégia da Recusa”, Brasiliense, SP, 1982.
- MENEZES, P. “A Crise do Passado”, Experimento, SP, 1994.
- MICELI, S. “Estado e Cultura no Brasil”, Difel, SP, 1984.
- MORAES, R. “Cultura Brasileira e Educação”, Papirus, Campinas, 1989.
- MORIN, E. “O Enigma do Homem”, Zahar, RJ, 1979.
- MUKAROVSKY, J. “Escritos sobre Estética e Semiótica da Arte”, Estampa, Lisboa, 1981.
- ORTIZ, R. “A Moderna Tradição Brasileira - Cultura Brasileira e Indústria Cultural”, Brasiliense, SP, 1988.
- _____. “Cultura Brasileira e Identidade Nacional”, Brasiliense, SP, 1985.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- _____. “Mundialização e Cultura”, Brasiliense, SP, 1994.
- PEIRCE, C. S. “Semiótica”, Perspectiva, SP, 1977.
- PIGNATARI, D. “Contracomunicação”, Perspectiva, SP, 1973.
- PINHEIRO, A. “Aquém da Identidade e da Oposição”, EDUNIMEP, Piracicaba, 1995.
- PROENÇA, R. “Cultura Popular: Algumas Considerações Teóricas”, *Revista Movimentos*, Editora da UFS/CESEP, Ano 1, no. 1, Aracaju, julho/95.
- RODRIGUES, A. D. “Estratégias da Comunicação”, Presença, Lisboa, 1990.
- _____. “Para uma Genealogia do Discurso da Globalização da Experiência, Adriano Duarte Rodrigues”, em www.labcom.ubi.pt, 2000.
- SANTAELLA, L. “Arte e Cultura”, Cortez, SP, 1990.
- _____. “Cultura das Mídias”, Razão Social, SP, 1992.
- SCHNAIDERMAN, B. “Semiótica Russa”, Perspectiva, SP, 1979.
- TOLEDO, D. “Círculo Lingüístico de Praga”, Globo, Porto Alegre, 1975.
- ZUMTHOR, P. “La Letre e la Voix”, Seuil, Paris, 1987.